

GLOBALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: CONTRIBUIÇÕES AO MÉTODO DA GEOGRAFIA NOVA NUM VIÉS MILTONIANO

Fernando Antonio da SILVA

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL

Membro do Núcleo de Estudos do Pensamento Miltoniano – NEPEM

Fernando.s.12@hotmail.com

Reinaldo SOUSA

Professor da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL

Coordenador do Núcleo de Estudos do Pensamento Miltoniano – NEPEM

RESUMO:

Esse trabalho, ainda em andamento, foi desenvolvido no Núcleo de Pesquisa Geográfica da Universidade Estadual de Alagoas. É uma pesquisa do tipo bibliográfica com posterior trabalho de campo. O trabalho procura discutir ou (re)pensar alguns elementos do método miltoniano de análise do espaço, considerando sua importância dentro da conjuntura do movimento de Renovação da Geografia para os trabalhos de pesquisa em ensino no Brasil, mais especificamente no âmbito do pensamento crítico. O objetivo do texto é demonstrar como o método miltoniano se mostra eficaz no processo de análise do espaço geográfico atual, sobretudo em meio às características do mundo contemporâneo, e assim explicitar a importância da união entre a proposta de renovação e as propostas metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Renovação da Geografia; Milton Santos; Método.

ABSTRACT:

This work, still in progress, was developed in the Geographic Research Center State University of Alagoas. Is a type of literature search with subsequent field work. The paper aims to discuss or (re) consider some aspects of Milton's method of analysis of space, considering its importance in the renewal of the movement of Geography and research papers on education in Brazil, more specifically in the context of critical thinking. The paper aims to show how Milton's method has proven efficient in the process of analyzing the current geographic area, especially among the characteristics of the contemporary world, and so explain the importance of unity between the proposed renovation and methodological proposals.

KEYWORDS: Geography renewal; Milton Santos; Method.

INTRODUÇÃO

No campo do conhecimento, estruturado em bases científicas, a questão do método assume destaque no trabalho do pesquisador e, por conseguinte, tem sido um dos temas mais evocados no âmbito das diversas disciplinas. A lógica sistemática que orienta o conhecimento das ciências confere ao método grande importância de forma que, qualquer que seja a área de estudo, a apreensão dos fenômenos passa pela opção de um viés metodológico.

Para Santos e Fernandes apud Vale “[...] *a questão do método é fundamental. Sem método não há possibilidade de investigar a realidade em bases racionais. O método é o caminho para o conhecimento estruturado*” (2001, p.10). Corroborando com esse pensamento Santos e Silveira afirmam que “*escolher um caminho de método significa levar em conta diversas escalas de manifestação da realidade, de modo a encontrar as variáveis explicativas fundamentais*” (2005, p.11).

Conforme depreendido destas inferências a escolha de um método é condição *sine qua non* no desenvolvimento de uma pesquisa científica, do qual dependerá a consistência do conhecimento elaborado, sendo este resultado do caminho metodológico percorrido.

O movimento de renovação da Geografia Brasileira, despontado aproximadamente em meados do século passado e firmado nos decênios posteriores, leva a uma revisão das bases teórico-conceituais dessa disciplina como também de seu método com vistas em atender as demandas da nova realidade (CORRÊA, 1986).

Marcada pela indefinição do objeto de estudo ao longo de sua trajetória a ciência geográfica, até então calcada na descrição e/ou comparação enquanto método, necessita caminhar em compasso com os ditames do mundo do presente, haja vista sua difícil tarefa de desvelar uma realidade caracterizada sobretudo pelo processo de globalização hegemônica e a reafirmação cada vez mais crescente de sua “expressão geográfica”, qual seja, o meio técnico-científico-informacional.

Tudo isso requer um novo enfoque metodológico da Geografia sob pena de sua pretensa renovação ocorrer apenas no discurso, pois, pensar um método e toda sua complexidade é ao mesmo tempo abrir possibilidades para um estudo mais acurado da realidade. Entretanto a redefinição de um método não é tarefa fácil principalmente em meio à aceleração contemporânea,

por isso, as propostas de renovação da Geografia são muitas, porém, poucas aquelas que vêm acompanhadas de um caminho metodológico.

GLOBALIZAÇÃO E COMPLEXIDADE DO ESPAÇO

Santos (2008, p. 33), tomando por base a importância da historicidade¹ do espaço, classifica os períodos históricos em três grandes divisões, cada qual marcado por uma grande revolução. O primeiro iniciado no fim no século XV é marcado pela revolução dos transportes marítimos quando o mundo começa a ser conhecido como um todo sob o comando comercial de Espanha e Portugal; o segundo que começa em meados do século XVIII, caracterizado pela revolução industrial; e o terceiro marcado pela revolução tecnológica, o período atual, cujas texturas se verificam após a segunda guerra mundial.

O período histórico atual, muito distinto dos que os precederam, tem como fundamento marcante o tripé técnica, ciência e informação, sendo por isso denominado por Milton Santos de meio técnico-científico-informacional, conforme enunciado anteriormente. Técnica esta universalizada relacionalmente e presente em cada lugar de forma potencial. Vive-se um mundo em que a ciência é o motor do desenvolvimento, onde o trabalho intelectual ganha importância primária e as informações em massa se processam vertiginosamente. Porém, como adverte Santos (2006, p. 39), uma informação não face a face, mas mediada, ‘preparada e servida’ pelos atores hegemônicos do sistema. As especificidades dos nossos tempos podem ser notadas nas palavras do autor, para quem:

Pela primeira vez na história dos países subdesenvolvidos, duas variáveis elaboradas no centro do sistema encontram uma difusão generalizada nos países periféricos. Trata-se da informação e do consumo – a primeira estando a serviço do segundo -, cuja generalização constitui um fator fundamental de transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço (SANTOS, 2008, p. 36).

O processo de globalização ou terceiro período da história, que ganhou corpo a partir do fim da segunda guerra mundial, gerou grandes metamorfoses no espaço enquanto totalidade, com implicações diretas nos lugares que passam a ser reflexos do mundo, impedindo que espaços

distantes fiquem isolados e causando um hibridismo cultural nunca antes presenciado na história humana. Esse mesmo processo permite articular as diversas partes que compõe a totalidade, alargando contextos e encurtando distâncias, pois as tecnologias de ponta geram novas possibilidades de fluidez, base de expansão e de intercâmbio.

Contudo, a globalização não é conhecida por todos, sendo, sobretudo, um processo paradoxal e fragmentador, pois, ao tempo em que cria novas possibilidades é uma fábrica de perversidades. Como afirma Santos:

A mundialização que se vê é perversa [...]. Concentração e centralização da economia e do poder político, cultura de massa, cientificação da burocracia, centralização agravada das decisões e da informação, tudo isso forma a base de um acirramento das desigualdades entre países e entre classes sociais, assim como da opressão e desintegração do indivíduo (SANTOS, 1997b, p.17).

As possibilidades trazidas pelo processo de globalização, como a de tudo conhecer num curto lapso de tempo, têm se apresentado apenas como fabulações para a grande maioria das pessoas, pois as contradições no tocante à distribuição do capital se acentuam e as perversidades impostas podem ser vistas em todos os lugares (SANTOS, 2006, p. 41). Em *Economia Espacial: críticas e alternativas* M. Santos se refere à formação socioeconômica produzida pelo atual sistema capitalista como uma “*Totalidade do Diabo*” justamente por funcionar em detrimento da grande maioria da nação. Para autor:

Quando sua evolução é governada diretamente de fora, sem a participação do povo envolvido, a estrutura prevalecente – uma armadilha na qual as ações se localizam – não é da nação, mas sim a estrutura global do sistema capitalista. As formas introduzidas deste modo servem ao modo de produção dominante em vez de servir a formação socioeconômica local e às suas necessidades específicas. Trata-se de uma totalidade doente, perversa e prejudicial (SANTOS, 2007, p. 202).

A tarefa da Geografia frente a essa realidade é compreender os processos de desigualdade, de falsa democracia, que se acentuam nesse período da globalização e ao mesmo tempo são maquiadas pelo progresso técnico. Neste sentido ressurgem a importância de um método, pois, é marca desse contexto neoliberal/capitalista/globalizado uma complexidade nunca antes presenciada na história humana.

Compreender o lugar, nesse contexto, supõe reconhecer que este se tornou ao mesmo tempo, e estranhamente, singular pelas influências do contexto, e mundializado na medida em que é receptáculo das possibilidades trazidas pela globalização. Nesse sentido a noção de lugar-mundo e mundo-lugar, deve perpassar a todo tempo o entendimento do espaço contemporâneo.

DA COMPLEXIDADE DO ESPAÇO À REDEFINIÇÃO DE UM MÉTODO

Conforme assinalado no item precedente a partir do momento em que o mundo se tornou globalizado a realidade local não pode mais ser explicada em si só, pois, o mais distante lugar passou a estabelecer relações das mais diversas com o restante do mundo. Logo o mundo se concretiza no lugar, e este evolui contraditoriamente em virtude das determinações externas (globais) e daquelas que lhe são próprias (internas). Por conseguinte as relações de ordem políticas, sociais e econômicas mudam substancialmente não só quantitativamente, mas também no que tange ao aspecto qualitativo, caracterizando-se pela densidade, visto que, consegue abarcar todos os lugares do globo; Como resultado, estes (os lugares) adquirem novos conteúdos técnicos passando a funcionar como subespaço dentro do espaço total.

Neste sentido, em primeira análise, uma questão fundamental é que “O espaço, como realidade, é uno e total” (1985, p. 64). As novas dimensões da internacionalização que culminaram no atual processo de globalização não permitem a compreensão de frações do território de forma isolada. Isso, contudo, não significa que o espaço mundial seja homogêneo, ao contrário, pois é daí que emergem as diferenças e o espaço se torna ainda mais heterogêneo.

Em *O Espaço Dividido, Os dois Circuitos de Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*, numa “breve descrição das modernizações”, Santos indica que em cada período histórico as regiões “polarizadoras” funcionam como centro de dispersão das modernizações, que, dispendo de energia potencial, impactam os subsistemas subordinados fazendo com que estes entre no sistema global. Dessa forma, as mudanças nesses espaços periféricos irão depender do primeiro momento de intervenção das forças exógenas e dos impactos futuros. Desse modo

Todo espaço conhece assim uma evolução própria, resultado de uma conjugação de forças externas pertencentes a um sistema cujo centro se encontra nos países-pólos e de forças já existentes nesse espaço. Resulta daí a diversidade das condições de subdesenvolvimento e a originalidade das situações para cada lugar (SANTOS, 2008b, p. 32).

Assim a condição local é sempre singular, posto que, apesar do impacto global a combinação das variáveis é sempre específica, pois depende dos arranjos preexistentes, de modo que, ao se agregarem (o original e o novo) formam uma situação completamente distinta dos outros lugares.

Nesse contexto, para Santos “o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas [...]” (1997b, p.26). Reconhecendo que a realidade é algo essencialmente dinâmico, adotar a concepção de que o espaço geográfico é uma coisa acarreta sérios problemas epistemológicos e metodológicos, pois, a “coisa” seria em pouco tempo transformada em “outra coisa”, e os conceitos envelheceriam muito rapidamente. Desse modo, continua o autor, o espaço é “[...] uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS, 1997b, p. 26).

A propósito dessa problemática, M. Santos submete o conceito de espaço geográfico a uma completa releitura, tendo em vista a insuficiência das noções clássicas dessa categoria central da Geografia, e elabora uma definição com base na historicidade supracitada analisando o processo de evolução humana que resultou no controle, às vezes passivo, dos processos da natureza e na complexidade da sociedade atual. Assim, admite o autor, “No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais” (1997a, p. 51). Acontece que, com o progresso das técnicas, principalmente com o adentrar do atual período tecnológico, a natureza se torna cada vez mais humanizada, artificializada com verdadeiras próteses, de modo que, a organização do espaço se caracteriza, sobretudo, por construções humanas. Por isso Santos define espaço geográfico como

[...] um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e de sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituído por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidrelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é

marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (1997a, p. 51).

O espaço geográfico se torna, destarte, cada vez mais complexo caminhando num ritmo de transformação acelerado e com ele as instâncias sociais, econômicas e políticas que o contém e são contidas. Faz-se então importante apreender o modo como a sociedade age sobre esse espaço e vive-versa, ou seja, os aspectos concernentes à produção do espaço na ação recíproca entre os objetos e as ações humanas, se a pretensão for refletir sobre a redefinição de um método, como no presente ensaio.

Embora o espaço se comporte, em termos concretos e conceituais, enquanto totalidade no processo de análise, na perspectiva metodológica, “Não resta dúvida que não se pode estudar o todo pelo todo” (SANTOS, 1985, p. 57), pois o todo se mostra dialeticamente divisível. Torna-se imperativo o conhecimento aprofundado das partes, pois é a partir delas que se pode gerar a consciência do todo. Conforme Santos

O todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo. Essas duas verdades são, porém, parciais. Para alcançar a verdade total, é necessário reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes, através do processo de totalização (1997a, p. 96).

Isso porque “O processo pelo qual o todo se torna um outro todo é um processo de desmanche, de fragmentação e de recomposição, um processo de análise e síntese ao mesmo tempo. Trata-se de um movimento pelo qual o único se torna múltiplo e vice-versa” (SANTOS, 1997a, p. 96).

Assim, a cada momento o todo refuncionaliza as partes e as partes refuncionalizadas formam um outro todo. Acontece que a outra totalidade produzida não é estática, pois, quando pronta, está novamente e simultaneamente sendo reproduzida através das partes; isso constituiria, no dizer de Milton Santos, uma totalidade imperfeita, em constante processo de totalização. Cada nova totalidade age de maneira diferente sobre as partes. Com efeito, com o movimento da totalidade as partes nunca serão as mesmas, e com a atuação das partes modificadas sobre o todo, este também será completamente diverso do que fora outrora.

É nessa perspectiva que, embasando-se em Karl Marx, Milton Santos defende o método de análise e síntese como cientificamente correto (VALE, 2001, p.10). A análise é uma forma de conhecimento acurado do espaço através do estudo das partes que projetam o futuro da totalidade espacial; por outro lado, a síntese permite entender o caminho percorrido, visto que o espaço busca constantemente totalizar-se.

Partindo da premissa que o espaço geográfico assim se comporta e evolui, a questão é encontrar as categorias adequadas que permitam perfazer esse caminho dialético da reconstrução do todo através das partes e também o inverso, isto é, analisar para em seguida sintetizar. Nas palavras do próprio M. Santos, “O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitem o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam os mesmos” (1997b, p. 25).

ANÁLISE E SÍNTESE: FORMA, FUNÇÃO, ESTRUTURA E PROCESSO

Compreender as relações contraditórias que perpassam no espaço é o primeiro passo rumo à elaboração e compreensão de um método, deveras, eficaz. Na busca por compreensão consistente do espaço Santos propõe uma análise partir das categorias forma, função, estrutura e processo. Segundo Santos *apud* Corrêa para uma melhor compreensão da organização espacial e sua evolução – quer dizer, a evolução da totalidade social espacializada -, é imperativo que se interprete a relação dialética entre estrutura, processo, função e forma. Estas são as categorias de análise que permitem uma melhor compreensão da totalidade social e sua espacialização. (CORRÊA, 1986).

Para ele a *forma* seria o aspecto visível e exterior de cada objeto. Uma casa, por exemplo, constituiria uma forma. Dela para um bairro ou uma cidade variaria apenas a escala,mas todas constituiriam formas. Já a *função* implicaria numa tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado. Assim, passa a possuir um aspecto exterior, também visível, a forma, e desempenha uma atividade, a função (CORRÊA, 1986).

Estrutura, na perspectiva miltoniana, se relacionaria à maneira como os objetos se organizam. Como se relacionam entre si. Seria, ainda segundo Corrêa (1986), a natureza social e

econômica de uma sociedade em um recorte de tempo. A estrutura espacial de um dado lugar é o resultado da interação de várias estruturas que subsistem indissociavelmente, como nos lembra Santos:

A estrutura espacial é algo assim: uma combinação localizada de uma estrutura demográfica específica, de uma estrutura de produção específica, de uma estrutura de renda específica, de uma estrutura de consumo específica, de uma estrutura de classes específica e de um arranjo específico de técnicas produtivas e organizativas utilizadas por aquelas estruturas e que definem as relações entre os recursos presentes (SANTOS, 1985, p. 17).

Para apreensão da realidade a geografia não pode se interessar mais pela forma das coisas do que pela sua formação. Por isso, outro fator inerente ao estudo do espaço é o *processo*. Este seria o constante *dever* social que constrói, (re)constrói e (des)constrói as formas ao longo da história, uma ação que se realiza continuamente, visando um resultado qualquer, implicando tempo e mudança. Em outras palavras uma espécie de estrutura em seu movimento de transformação (CORRÊA, 1986). O *processo* é dinâmico, ou seja, processa e é processado, modifica e é modificado, é ao mesmo tempo resultado e condição da história.

Desse modo, o estudo do processo se faz necessário na medida em que se busca entender a gestação das formas, o que impreterivelmente facilitará a compreensão das funções por elas exercidas. Nesse sentido a história se constitui numa ferramenta intimamente relacionada, onde se evidencia a indissociabilidade espaço/tempo, a qual é preciso recorrer constantemente.

À primeira vista o geógrafo pode ser induzido a estudar pura e simplesmente a forma. Porém, não se pode a separar concreta e conceitualmente das demais categorias sob pena de não se compreender a contento os diversos aspectos que compõe o espaço. Como nos afirma Santos:

Para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto a forma, a função e a estrutura, como se tratasse de um conceito único. Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles. Se examinarmos apenas a forma e a estrutura, eliminando a função, perderemos a história da totalidade espacial, simplesmente porque a função não se repete duas vezes. Separando estrutura e função, o passado e o presente são suprimidos, com o que a idéia de transformação nos escapa e as instituições se tornam incapazes de projetar-se no futuro. Examinar forma e função, sem a estrutura, deixa-nos a braços com uma sociedade inteiramente estática, destituída de qualquer impulso dominante.

Como a estrutura dita a função, seria absurdo tentar uma análise sem esse elemento (SANTOS, 1985, p. 56).

Assim, forma, função, estrutura e processo, este último sinônimo de tempo, quando consideradas em conjunto impedem a compreensão superficial e descritiva dos fenômenos que todo cientista deve evitar. Portanto, esse método constitui uma base forte que auxilia o geógrafo na leitura e interpretação da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou evidenciar a aplicabilidade concreta e conceitual das categorias Miltonianas: forma, função, estrutura e processo, enquanto método de análise para compreensão da organização sócio-espacial, revelando as contradições do processo de globalização, quando consideradas indissociavelmente. Para tanto, foi necessário recorrer aos principais fundamentos dessa nova realidade geográfica presenciada aproximadamente em meados do século passado, visto que, analisar as características desse período histórico é condição essencial para a (re)definição de um método que não fuja à atualidade e sobreviva ao movimento. Como afirmou Milton Santos “o estudo da totalidade conduz a uma escolha de categorias analíticas que devem refletir o movimento real da totalidade” (2007, p. 199).

Portanto, a contribuição Miltoniana, para o método da geografia em tempos de globalização, impede que o geógrafo faça uma análise descompassada da realidade em meio à complexidade gerada em virtude da instantaneidade e movimento do meio técnico-científico-informacional. Trata-se de um modelo eficaz para se detectar as principais contradições e poder atuar no sentido de transformar uma realidade posta.

NOTAS:

1 Segundo Ruy Moreira (2007, p.27) a noção de historicidade, internalizada por Milton Santos no pensamento geográfico no fim da década de 1970 com o lançamento do livro *Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*, aparece como conceito fundamental na interpretação do espaço geográfico, pois, é a partir dele que se pode compreender que a sociedade é seu espaço geográfico e vice-versa, o que permite entender a produção do espaço enquanto objeto de estudo. Daí resulta a

importância da periodização na qual se evidencia a íntima relação entre espaço e tempo, outro fator de extrema relevância na proposta teórico-metodológica de Milton Santos.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: 2ª edição, HUCITEC, 1997a.

_____ **Economia Espacial: Críticas e alternativas**. São Paulo: Edusp, 2007.

_____ **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo, HUCITEC, 1997b.

_____ **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____ **O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____ **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência**. Universal. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: 7ª ed, Record, 2005.

VALE, J. M. F. D. Milton Santos e o Método. O Geógrafo Cidadão. *In: Ciência Geográfica*. São Paulo: Vol. II, Ano VII, nº. 19, Pág.: 10 - 12. Maio/Agosto. 2001.